

CAPÍTULO I



"Esta é a última, então?"

"Hum, parece que sim... Setenta peles, imaculadas. É sempre um prazer."

"Ei, não se preocupe. Você é o único que vem tão longe nas montanhas, Lawrence. Eu que deveria estar te agradecendo."

"Ah, mas é por causa disso que eu consigo peles tão boas. Eu voltarei novamente."

Com as gentilezas habituais concluídas, Lawrence conseguiu deixar a vila por volta das cinco horas. O sol estava apenas começando sua subida quando ele saiu, era meio-dia no momento em que ele desceu das montanhas e entrou nas planícies.

O tempo estava bom, não havia vento. Era um dia perfeito para cochilar na carroça enquanto cruzava as planícies. Parecia-lhe absurdo que somente ele sentiu recentemente o frio do inverno que se aproxima.

Este era o sétimo ano de Lawrence como um mercador viajante, e seu vigésimo quinto ano do seu nascimento. Ele deu um enorme bocejo no acento do condutor.

Lá havia pouca grama ou árvores de grande altura, então ele tinha uma visão abrangente. No limite do seu campo de visão, ele podia ver um mosteiro que havia sido construído alguns anos antes.

Ele não sabia que um jovem aristocrata estava em isolado nesse local remoto. A alvenaria do edifício era magnífica, e inacreditavelmente tinha até um portão de ferro. Lawrence conseguia contar cerca de vinte monges que viviam ali, junto com um número similar de servos.

Quando o mosteiro foi construído, Lawrence já tinha antecipado novos clientes. Os monges, de alguma forma, conseguiram garantir o abastecimento sem empregar comerciantes independentes, pensou, enquanto esse sonho desaparecia.

É certo que os monges viviam de forma simples, lavrando os seus campos, assim, negociar com eles não seria especialmente rentável. Havia outro problema em que, provavelmente, eles solicitariam doações e deixariam de pagar suas contas.

Na visão de um mercador, os monges eram piores que ladrões. Ainda assim, houve momentos em que o comércio com eles era conveniente.

Então, Lawrence olhou na direção do monastério com um pequeno arrependimento, mas em seguida, seus olhos se estreitaram.

Da direção do monastério, alguém estava acenando para ele.

"O que é isso?"

A figura não se parecia com um servo. Eles usavam roupas de trabalho castanho escuro. A figura acenando estava coberto de roupas cinza. Apesar de ser um incômodo ir até o monastério, ignorar isso somente traria problemas no trajeto mais tarde. Lawrence relutantemente virou o cavalo em direção à figura.

Talvez tendo percebido que Lawrence estava agora indo a seu caminho, a figura parou de acenar, mas não fez nenhum movimento para se aproximar. Ele parecia estar à espera da chegada da carroça. Não seria a primeira vez que uma pessoa associada à Igreja demonstra arrogância. Lawrence não estava disposto a ficar irritado com questões sem importância como essa.

Quando ele se aproximou do mosteiro e a figura tornou-se mais clara, Lawrence murmurou para si mesmo:

"... Um cavaleiro?"

Ele a princípio rejeitou a ideia tão ridícula, mas ao se aproximar, viu que era um cavaleiro sem dúvida. As roupas cinza era de fato armadura prateada.

"Você aí! Qual é o seu negócio aqui?"

A distância entre eles era ainda muito grande para uma conversa, é por isso que o cavaleiro gritou. Ele, aparentemente, não sentiu necessidade de apresentar-se, com um tom arrogante.

"Eu sou Lawrence, um comerciante viajante. Você precisa do meu serviço?"

O monastério estava agora logo na sua frente. Ele estava perto o suficiente para contar o número de funcionários que trabalham nos campos ao sul.

Ele também observou que o cavaleiro na frente dele não estava sozinho. Havia outro depois do monastério, talvez, de guarda.

"Um comerciante? Não há nenhuma cidade na direção de onde veio comerciante", disse o cavaleiro arrogante, inflando o peito como se quisesse mostrar a cruz de ouro que foi gravada lá.

Mas o manto sobre os ombros era cinza, indicando um cavaleiro de classe baixa. Seu cabelo loiro parecia recém cortado, e seu corpo não aparentava ter ido em muitas batalhas, por isso o seu orgulho. Muito provavelmente era cavaleiro novo. É importante lidar com esses homens cuidadosamente. Eles tendem a ser emotivos.

Então, ao invés de responder, Lawrence pegou uma bolsa de couro do bolso do peito e lentamente desfez o fio que a mantinha fechada. Dentro estavam os doces feitos de mel cristalizado. Ele arrancou um fora e colocou-o na boca, então, ofereceu a bolsa aberta para o cavaleiro.

"Quer um?"

"Mmm", disse o cavaleiro, hesitando por um momento antes que seu desejo pelo doce vencesse.

Ainda assim, talvez por causa de sua posição como um cavaleiro, demorou uma quantidade considerável de tempo para ele pegar o doce. Quando ele realmente estendeu a mão, pegou apenas uma gota de mel.

"Numa viagem de meio-dia para o leste daqui, há uma pequena aldeia nas montanhas. Eu estava negociando sal por lá."

"Ah, vejo que você tem uma carga em sua carroça. É sal também?"

"Não, apenas peles. Olhe", disse Lawrence. Virando-se, retirou a lona que cobria a carga, revelando um conjunto de magníficas peles de marta. O salário de um ano do cavaleiro à sua frente era insignificante em comparação com o seu valor.

"Mm. E isso?"

"Ah, este é o trigo que eu recebi da aldeia."

O feixe de trigo no canto da montanha de peles tinha sido colhido na aldeia onde Lawrence tinha trocado o seu sal. Era resistente em climas frios e resistia a insetos. Ele planejava vendê-lo no noroeste, onde as lavouras tinham sofrido prejuízos com as geadas pesadas.

"Hum. Muito bem. Você pode ir."

Era uma forma estranha de falar para alguém que tinha acabado de ser chamado, mas se Lawrence fosse dizer humildemente: "Sim, senhor" agora, ele seria incapaz de se chamar de comerciante.

"Então, por que seu posto é aqui, senhor cavaleiro?" O cavaleiro se sentiu desconfortável com a pergunta e franziu sua testa ainda mais quando ele olhou para o saco de gotas de mel. Ao notar isso, Lawrence desfez o fio da bolsa e arrancou outro doce, dando-lhe ao cavaleiro.

"Mmm. Delicioso. Devo lhe agradecer."

O cavaleiro estava sendo razoável. Lawrence inclinou a cabeça com gratidão, com o seu melhor sorriso do comerciante.

"Os monges descobriram que um grande festival pagão está se aproximando. Por causa disso houve um aumento da guarda. Você sabe alguma coisa deste festival?"

Nesse momento, se o seu rosto demonstrasse uma expressão desapontada, então sua atuação seria inútil. Lawrence fingiu pensar durante algum tempo, e então respondeu com um "Eu não sei". Na verdade, Lawrence estava mentindo, mas novamente, não era como se o cavaleiro estivesse falando a verdade, então Lawrence não se sentiu obrigado a fazer o mesmo.

"Talvez eles estejam realmente fazendo em segredo, então. Os pagãos são muito covardes." O cavaleiro estava tão enganado que era divertido, mas Lawrence apenas concordou e despediu-se.

O cavaleiro acenou e agradeceu mais uma vez pelas gotas de mel.

Sem dúvida, elas estavam deliciosas. A maioria do dinheiro dos cavaleiros era para equipamentos e alojamento; mesmo um aprendiz de sapateiro vivia uma vida melhor. Deve fazer um tempo desde que o cavaleiro tenha comido algo doce.

Não que Lawrence tinha qualquer intenção de dar-lhe outra gota de mel.

"Ainda assim, um festival pagão, eles dizem?" Lawrence repetiu as palavras do cavaleiro para si mesmo uma vez que o monastério estava bem atrás dele.

Lawrence tinha uma vaga ideia do que o cavaleiro estava falando. Na verdade, qualquer um desta área saberia.

Mas não era um "festival pagão." Em primeiro lugar, os verdadeiros pagãos estavam mais ao norte ou mais ao leste.

O festival que acontece aqui não era algo necessário para os cavaleiros se protegerem.

Era um simples festival de colheita, do tipo de se encontrado em praticamente qualquer lugar.

Verdade, a área deste festival era um pouco maior do que a celebração típica, provavelmente, por isso que o monastério esteve de olho neles, a fim de relatar à cidade.

A Igreja tem sido incapaz de manter o controle sobre a área, o que, sem dúvida, fez as coisas esquentarem.

Efetivamente, a Igreja estava ansiosa para realizar inquisições e converter pagãos, e os confrontos entre filósofos e teólogos naturais da cidade estavam longe de ser raro. O tempo em que a Igreja pudesse comandar a população estava desaparecendo.

A dignidade da instituição estava começando a desmoronar, mesmo que os habitantes das cidades não dissessem nada, todos estavam gradualmente começando a perceber isso. De fato, o papa recentemente pediu aos monarcas de várias nações por fundos quando o dízimo esteve abaixo das expectativas. Tal conto seria absurdo mesmo dez anos atrás.

Assim, a Igreja estava desesperada para recuperar a sua autoridade.

"Negócios em todo lugar vão sofrer", disse Lawrence com um sorriso triste, colocando mais uma gota de mel em sua boca.

Os céus ocidentais tinham um tom dourado mais bonito do que o trigo nos campos no momento em que Lawrence chegou às planícies. Pássaros distantes se tornaram pequenas sombras enquanto se apressavam para casa, e aqui e ali, os sapos coaxavam.

Parecia que a maior parte dos campos, principalmente os de trigo, foi colhida, para que o festival começasse em breve, talvez mais cedo no dia depois de amanhã.

À frente dos olhos de Lawrence estavam as extensões dos campos férteis de trigo da aldeia de Pasloe. Quanto mais abundante a colheita, mais prósperos eram os aldeões.

Além disso, o nobre que conseguiu a terra, conde Ehrendott, era um famoso excêntrico na área e que gostava de trabalhar no seu próprio campo. Naturalmente, o festival também teve o seu apoio, e todos os anos era uma confusão de vinho e música.

Lawrence nunca tinha participado do festival. Infelizmente, não são permitidos forasteiros.

"Olá, bom trabalho!". Lawrence chamou um agricultor, empilhando o trigo na carroça. O trigo estava bem amadurecido. Aqueles que tinham investido em trigo podiam respirar um suspiro de alívio.

"O que é isso?"

"Você pode-me dizer onde posso encontrar Yarei", perguntou Lawrence.

"Oh, Yarei está bem ali...! Vê onde a multidão está se reunindo naquele campo. Ele contratou todos os jovens para trabalhar nos campos este ano porque eles ainda são lentos e fracos. Este ano deve ser um deles a se tornar Horo", disse o agricultor bem humorado, seu bronzeado rosto sorrindo. Era o tipo de sorriso sincero que um comerciante nunca conseguiria fazer.

Lawrence agradeceu o agricultor com seu melhor sorriso de comerciante, e virou o cavalo para o lugar onde Yarei estava.

Assim como o agricultor tinha dito, havia uma multidão reunida, e eles estavam gritando alguma coisa. Pareciam estar zombando dos poucos que ainda estavam trabalhando no campo, mas não era ridículo seu atraso. A zombaria fazia parte do festival.

Conforme Lawrence vagorosamente se aproximou da multidão, ele foi capaz de entender a gritaria deles.

"Há um lobo! Um lobo!"

"Um lobo está lá!"

"Quem será o último e pegará o lobo? Quem, quem, quem?" Os aldeões gritaram, com os rostos tão alegres que alguém poderia perguntar se eles estavam bêbados. Nenhum deles notou Lawrence puxando sua carroça por trás da multidão.

O que eles entusiasticamente chamavam de lobo não era de fato um lobo. Se fosse real, ninguém estaria rindo.

O lobo era o deus da colheita, e de acordo com a lenda da aldeia, ele residia no último feixe de trigo a ser colhido. Dizia-se, quem cortasse esse feixe seria possuído pelo lobo.

"É o último feixe!"

"Veja bem, não corte muito longe!"

"Horo foge das mãos gananciosas!"

"Quem, quem, quem vai pegar o lobo?"

"É Yarei! Yarei, Yarei, Yarei!"

Lawrence desceu da carroça e olhou para a multidão, assim que Yarei pegou o último feixe de trigo. Seu rosto estava sujo com suor e do solo quando ela sorriu e ergueu o trigo alto, jogou a cabeça para trás e uivou.

"Awooooooooo!"

"É Horo! Horo, Horo, Horo!"

"Awooooooooo!"

"Horo o lobo está aqui! Horo o lobo está aqui!"

"Pegue-a, agora! Pegue-a rápido!"

"Não a deixe escapar!"

Os homens gritando subitamente começaram a perseguir Yarei.

A deusa da colheita abundante, uma vez encurralada, possuiria o humano e tentaria escapar. O objetivo era capturá-la, assim permaneceria por mais um ano.

Ninguém sabia se esta deusa verdadeiramente existia. Mas esta era uma antiga tradição na área.

Lawrence tinha viajado por toda parte, e ele não acreditava nos ensinamentos da Igreja, mas sua fé em superstição era ainda maior do que a dos agricultores daqui. Muitas vezes ele tinha cruzado as montanhas apenas para chegar numa cidade e encontrar o preço de seus bens drasticamente baixos. Isso era suficiente para fazer qualquer um supersticioso.

Assim, ele não dava a mínima para os verdadeiros crentes em tradições ou oficiais da igreja que achariam isso ultrajante.

Mas era inconveniente que Yarei fosse Horo este ano. Agora Yarei estaria trancada em um celeiro abastecido com guloseimas até o festival acabar... E seria impossível conversar com ela.

"Nada de especial eu acho...", disse Lawrence, suspirando enquanto ele voltou para a sua carroça e foi para a residência do chefe da aldeia.

Ele queria desfrutar de algumas bebidas com Yarei e informar sobre os eventos no monastério, mas se ele não vender as peles que estavam empilhadas em sua carroça, ele não seria capaz de pagar por bens comprados em outro lugar quando as contas viessem. Ele também queria vender o trigo que ele trouxe da outra aldeia e não podia esperar o festival acabar.

Lawrence falou brevemente sobre os acontecimentos do meio-dia no monastério para o chefe da aldeia, que estava ocupado com festival preparação. Ele educadamente recusou a oferta para passar a noite e partiu.

Anos antes de o conde começar a administrar a região, ela tinha sofrido sob os pesados impostos que impulsionaram os preços das suas exportações. Lawrence comprou um pouco desse trigo mesmo com preço desfavorável e vendeu-o para conseguir um pequeno lucro. Ele não tinha feito isso para conquistar favores com as pessoas da aldeia, mas sim porque ele simplesmente não tinha os recursos para competir com os outros comerciantes pelo grão mais fino e mais barato. No entanto, a vila ainda era grata pelos seus negócios, e Yarei tinha sido a intermediária para o negócio.

Era uma pena que ele não poderia desfrutar de uma bebida com Yarei, mas uma vez que Horo aparecesse, Lawrence logo seria expulso da aldeia enquanto o festival chegava ao seu clímax. Se ele tivesse passado a noite, ele não teria sido capaz de ficar muito tempo. Quando ele se sentou em sua carroça, Lawrence sentiu uma sensação de solidão por ter sido excluído assim.

Saboreando alguns vegetais que tinham sido dados como lembrança, ele tomou a estrada a oeste, passando por alegres agricultores que retornavam de seu dia de trabalho.

Tendo retornado à sua viagem solitária, Lawrence invejava os agricultores com seus amigos.

Lawrence era um comerciante viajante com vinte e cinco anos de idade. Aos doze anos se tornou aprendiz de um parente, e aos dezoito anos, partiu por conta própria. Havia muitos lugares ele ainda tinha que visitar, e ele sentiam que o verdadeiro teste de seu valor como um comerciante ainda estava por vir.

Como qualquer comerciante que viaja, o seu sonho era guardar dinheiro suficiente para abrir uma loja em uma cidade, mas seu sonho parecia distante. Se ele pudesse se apoderar de uma boa oportunidade, talvez realizar esse sonho não seria tão difícil assim, mas, infelizmente, os maiores comerciantes conseguiam tais oportunidades com o seu dinheiro.

No entanto, ele transportou cargas de mercadorias em todo o país, a fim de pagar suas dívidas em tempo hábil. Mesmo se ele visse uma boa oportunidade, faltavam-lhe os meios para aproveitá-la. Para um comerciante viajante, tal coisa era tão inacessível como a lua no céu.

Lawrence olhou para a lua e suspirou. Ele percebeu tais suspiros eram mais frequentes nos últimos tempos, seja como uma reação a anos de negociação frenética simplesmente

para sobreviver, ou porque recentemente ele tinha começado há pensar um pouco mais sobre o futuro.

Além disso, quando ele deveria estar pensado um pouco mais em credores, prazos de pagamento, e chegar à próxima cidade o mais rápido possível, os pensamentos perseguiram uns aos outros através de sua cabeça.

Especificamente, ele pensou nas pessoas que ele conheceu em suas viagens.

Pensou nos comerciantes que ele conheceu ao visitar cidades várias vezes a negócios e os aldeões que ele tinha se familiarizado. A serva que tinha se apaixonado durante uma longa estadia em uma pousada, à espera de uma tempestade de neve para passar. E assim por diante.

Em resumo, ele ansiava por companhia com mais e mais frequência.

Tal desejo era uma "doença" para os comerciantes que passaram a maior parte de um ano sozinho em uma carroça, mas só recentemente Lawrence tinha começado a sentir isso. Até agora, ele sempre se gabou de que isso nunca iria acontecer com ele.

Ainda assim, depois de ter passado tantos dias sozinho com um cavalo, ele começou a sentir que seria bom se o cavalo pudesse falar.

Histórias de carroças puxadas por cavalos que se tornaram humanos não eram incomuns entre os comerciantes, e Lawrence inicialmente ria dessas histórias ridículas, mas ultimamente ele se perguntou se elas poderiam ser verdade.

Quando um jovem comerciante vai comprar um cavalo de um comerciante de cavalos, "Eles recomendam uma égua imediatamente, apenas para o caso de ela virar humana na sua frente." Isso aconteceu com Lawrence, que ignorou o conselho e comprou um garanhão resistente.

Esse mesmo cavalo estava trabalhando constantemente na frente dele até agora, mas enquanto o tempo passava e Lawrence se sentia solitário, ele se perguntou se não deveria ter comprado uma égua afinal.

Por outro lado, esse cavalo arrastava cargas pesadas diariamente. Mesmo que ele fosse se transformar em um ser humano, parecia impossível que ele iria se apaixonar por seu mestre ou usar os seus poderes misteriosos para trazê-los boa sorte.

Ele provavelmente gostaria de ser pago e descansar, Lawrence refletiu.

Assim que ele pensou nisso, ele sentiu que era melhor que um cavalo permanecesse um cavalo, mesmo que isso o fizesse egoísta. Lawrence sorriu amargamente e suspirou como se estivesse cansado de si mesmo.

No momento que ele chegou a um rio ele decidiu fazer acampamento para a noite. A lua cheia era brilhante, mas isso não garantia que não cairia no rio e caso acontecesse, não era uma situação facilmente resolvida essa "calamidade", ao contrário, ele poderia perder a vida. Esse tipo de problema ele não precisava.

Lawrence puxou as rédeas, e o cavalo parou no sinal, levantando dois ou três suspiros, uma vez que percebeu que seu descanso tão esperado estava disponível.

Dando o resto de seus legumes para o cavalo, Lawrence tirou um balde fora da carroça e pegou um pouco de água do rio, colocou perto do animal. Enquanto ele felizmente bebia no balde, Lawrence bebeu um pouco da água que ele tinha obtido na aldeia.

Vinho seria melhor, mas beber sem um parceiro só faria a solidão piorar. Não havia nenhuma garantia que não o faria ficar bêbado, então, Lawrence decidiu ir para a cama.

Ele mordeu sem vontade alguns legumes na maior parte do caminho até sua carroça, então ele só tinha um pouco de carne antes de pular atrás da carroça. Normalmente, ele dormia na lona de cânhamo que cobria a cama, mas hoje à noite ele tinha um vagão com peles de marta, por isso seria um desperdício não dormir neles. Eles poderiam fazê-lo cheirar um pouco desagradável na parte da manhã, mas era melhor do que ficar congelado.

Mas pulando direto nas peles iria esmagar o feixe de trigo, por isso, a fim de movê-los de lado, ele levantou a lona fora da carroça.

A única razão pela qual ele não gritou foi porque a visão que ele viu era categoricamente inacreditável.

"..."

Aparentemente, ele tinha uma convidada.

"Ei".

Lawrence não tinha certeza se sua voz realmente fez um som. Ele ficou chocado e se perguntou se a solidão finalmente havia ganhado dele e estava tendo alucinações.

Mas depois que ele balançou a cabeça e esfregou os olhos, seu hóspede não tinha desaparecido.

A bela menina dormia tão profundamente que dava uma vergonha de acordá-la.

"Ei, você aí" disse Lawrence retornando aos seus sentidos. Ele queria perguntar o que exatamente poderia motivar alguém para dormir em uma carroça. No pior dos casos, pode ser uma fugitiva da aldeia. Ele não queria esse tipo de problema.

"... Hurum?" Veio resposta indefesa da menina para Lawrence, com os olhos ainda fechados, sua voz era tão doce que faria um pobre comerciante viajante acostumado apenas aos bordéis das cidades sentir vertigens.

Ela tinha uma beleza indescritível, apesar de sua juventude óbvia, aninhada nas peles e iluminada pelo luar.

Lawrence engoliu em seco uma vez, antes de voltar à razão.

Tendo em conta que ela era tão bonita, se ela era uma prostituta, quem sabe quanto dinheiro seria extorquido somente tocando nela? O pensamento da situação envolvendo dinheiro ajudou a se acalmar do que pensar em rezar na igreja. Lawrence recuperou a compostura e ergueu a voz mais uma vez.

"Ei, você aí. Que você está fazendo, dormindo na minha carroça?"

A menina não acordou.

Farto de uma garota que dormia tão obstinadamente, Lawrence agarrou a pele que apoiava a cabeça dela e tirou debaixo dela. A cabeça dela caiu no espaço deixado pela a pele, e finalmente, ele ouviu seu grito irritado.

Ele estava prestes a levantar a voz para ela novamente, mas então ele congelou.

A menina tinha as orelhas de cão em sua cabeça.

"Mm... Hah..."

Agora que a menina parecia estar finalmente acordada, Lawrence criou coragem e falou novamente:

"Você aí, o que você está fazendo, entrando na carroça dos outros?"

Lawrence tinha sido roubado mais de uma vez por ladrões e bandidos em suas viagens. Ele considerava-se mais ousado e corajoso do que as pessoas comuns. Ele não era de se intimidar só porque a menina na frente dele passou a ter as orelhas de um animal.

Apesar do fato de que a menina não tinha respondido a suas perguntas, Lawrence não as repetiu.

Isso aconteceu porque a menina, despertando lentamente diante dele e totalmente nua, era indescritivelmente linda.

O cabelo dela, iluminado pela luz da lua na carroça, parecia tão suave como seda que caia sobre os ombros como a melhor capa. Os fios que deslizavam do seu pescoço desenhavam uma linha tão bonita que deixariam a melhor pintura da Virgem Maria com vergonha; os braços flexíveis eram tão finos que pareciam esculpidos em gelo.

E expostos agora no meio de seu corpo estão seus dois pequenos seios, tão bonitos que davam a impressão que haviam sido esculpidos a partir de um material inorgânico. Eles exalavam um perfume vital como se sua essência estivesse ali alojada.

Mas um espetáculo tão fascinante, logo iria acabar. A menina abriu a boca e lentamente olhou para o céu. Fechando os olhos, ela uivou.

"Auwoooooooooooooo!"

Lawrence sentiu um medo súbito que soprou através de seu corpo como vento.

O uivo era a canção que um lobo usaria para chamar seus companheiros, para perseguir e encurralar um ser humano.

Isso não era como Yarei havia feito mais cedo. Isso era um verdadeiro uivo. Lawrence deixou cair o pedaço de carne de sua boca, o seu cavalo empinou, assustado.

Então ele percebeu alguma coisa.

A silhueta da menina envolvida pela luz da lua, com as orelhas na cabeça. As orelhas de um animal.

"... Oooh. Que lua maravilhosa. Você teria um pouco de vinho?" Disse ela, deixando o uivo desaparecer, puxando seu queixo para cima, e com um leve sorriso.

Lawrence voltou a si com o som de sua voz.

O que estava diante dele não era nenhum cão ou lobo. Era uma menina bonita com as orelhas de um animal, apesar disso.

"Eu não tenho. E o que é você? Por que você estava dormindo em minha carroça? Você iria ser vendida na cidade? Você quis fugir?" Lawrence queria perguntar com autoridade, mas a menina não mostrou reação.

"O que, então você não tem vinho? Comida, talvez...? Oh, que desperdício", disse a garota despreocupadamente, enquanto seu pequeno nariz se erguia para cheirar ao redor. Ela avistou o pedaço de carne que Lawrence tinha quase comido antes, pegando-o e colocando-o em sua boca.

Enquanto ela mastigava, Lawrence não deixou de notar as duas presas afiadas por trás dos lábios da menina.

"Você é algum tipo de demônio?" Ele perguntou, colocando sua mão em seu punhal em sua cintura.

Como comerciantes muitas vezes necessitam converter grandes quantidades de moeda, muitas vezes eles levaram seu dinheiro na forma de itens. O punhal de prata era um tipo, e a prata era conhecida como um metal sagrado, forte contra o mal.

No entanto, quando Lawrence colocou a mão ao punhal e impôs sua pergunta, a menina olhou perplexa para ele, então riu com gosto.

"Ah-ha-ha-ha! Eu... um demônio agora?"

O riso dela era atraente e irresistível, e a carne na boca dela estavam prestes a cair. Os dois caninos afiados se mostraram bastante charmosos agora.

Apesar disso, por causa de toda aquela beleza, Lawrence sentiu como se ele fosse motivo de zombaria e ficou um pouco irritado.

"O... o que é engraçado?"

"Ah, isso é divertido, é sim! Isso é certamente a primeira vez que eu fui chamado de demônio."

Ainda rindo de si mesma, a menina pegou a carne novamente e mastigou-a. Ela tinha presas. Contando seus ouvidos, ficou claro o suficiente que ela não era uma mero humana.

"O que é você?"

"Quem? Eu?"

"Bem, com quem mais além de você eu estaria falando?"

"O cavalo, por exemplo."

"..."

Quando Lawrence sacou o punhal, o sorriso da menina desapareceu.

Seus olhos cor de âmbar vermelho tingido estreitaram.

"Eu disse, o que é você?!"

"Apontar uma lâmina em mim agora? Como lhe falta boas maneiras."

"O quê?"

"Mm. Ah, eu entendi. Minha fuga foi bem sucedida. Minhas desculpas! Eu tinha me esquecido." Disse a garota com um sorriso completamente inocente e encantador.

O sorriso particularmente não o convenceu, mas, no entanto, de alguma forma, Lawrence sentiu que apontar uma lâmina para uma dama era uma coisa que um homem não deveria fazer, então ele a guardou.

"Eu me chamo Horo. Já faz algum tempo desde que eu assumo esta forma, mas... bem, é bastante agradável."

A menina media-se com olhos enquanto dizia aquilo, Lawrence estava tão envolvido na primeira metade do que ela tinha dito que ele perdeu a segunda metade.

"Horo?"

"Mm, Horo. Um bom nome, não?"

Lawrence tinha viajado por vários lugares e ao longo de muitas terras, mas há apenas um lugar onde ele tinha ouvido esse nome.

Ninguém menos do que o deus da colheita da vila de Pasloe.

"Que coincidência. Eu também sei de alguém que atende pelo nome de Horo."

Foi ousadia dela de usar o nome de um deus, mas pelo menos isto dizia que ela era de fato uma menina da aldeia. Talvez ela tenha sido escondida, criada em segredo por sua família, por causa de suas orelhas e presas. Isso se encaixa com a sua pretensão dela ter dito "escapado com sucesso."

Lawrence tinha ouvido falar de crianças anormais como esta. Eles eram chamados de crianças demônios, e pensava-se que um demônio ou espírito os possuía no momento do nascimento. Se a Igreja descobrisse-os... Seriam queimados, juntamente com suas famílias, na fogueira por serem adoradores de demônios. Essas crianças eram abandonadas nas montanhas ou criadas em segredo.

Mas esta foi a primeira vez que Lawrence via uma criança assim. Ele sempre assumiu que seriam bestas repugnantes, mas a julgando apenas pela aparência, esta era uma deusa plausível.

"Oh, ho, eu nunca conheci outra Horo. De onde é essa pessoa?"

Enquanto a menina mastigava a carne, era difícil vê-la tentando enganar alguém. Parecia possível que, tendo sido criado em confinamento por tanto tempo, que ela realmente acreditava ser uma deusa.

"É o nome da deusa da colheita desta área. Não me diga que você é a mesma deusa?"

Com isso, o rosto da menina banhada pela lua ligeiramente surpresa por um momento antes de sorrir novamente.

"Eu há muito tempo estive ligado a este lugar e me chamam de deusa. Mas eu não sou nada tão grande como uma divindade. Eu sou apenas Horo."

Lawrence imaginou que isso significava que ela tinha sido trancada em sua casa desde que ela nasceu. Ele sentiu certa pena pela garota.

"Por 'longo', quer dizer que você nasceu aqui?"

"Oh, não."

Esta foi uma resposta inesperada.



"Eu nasci nas terras distantes ao norte."

"No norte?"

"De fato. Os verões são curtos e há os invernos longos. Um mundo de prata."

Os olhos de Horo estreitaram enquanto ela parecia olhar ao longe, e era difícil imaginar que ela estava mentindo. O comportamento dela como ela relembrou as terras do norte era muito natural para ser um ato.

"Você já esteve lá?"

Lawrence se perguntava se ela estava contra-atacando, mas se Horo estava mentindo ou apenas repetindo coisas que tinha ouvido de outras pessoas, ele teria sido capaz de dizer imediatamente.

Suas viagens como um comerciante já o tinham levado para o extremo norte antes.

"O mais distante que eu estive foi Arohitostok. A neve soprando durante todo o ano é horrível."

"Hum. Nunca ouvi falar dela", respondeu Horo, inclinando levemente a cabeça.

Ele esperava que ela fingisse ter conhecimento. Isso foi estranho.

"Que lugares você sabe?" Questionou.

"Um lugar chamado Yoitsu".

Lawrence obrigou-se a dizer: "Não conheço." Para acabar com o mal-estar que se elevava dentro dele. Ele sabia de um lugar chamado Yoitsu, a partir de uma velha história que ele ouviu em uma pousada no norte.

"Você nasceu lá?" Ele perguntou.

"De fato. Eu não sei o que aconteceu com aquele lugar agora. Pergunto-me como estão todos." Horo disse, e seus ombros abaixaram-se discretamente, o olhar brevemente vazio. Definitivamente não era uma mentira.

Todavia, Lawrence não podia acreditar nas palavras dela.

Isso porque, nos contos, a cidade chamada Yoitsu fora destruída há mais de seiscentos anos.

"Você se lembra de algum outro lugar?"

"Mmm... Faz muitos séculos... Ah, Nyohhira, havia uma cidade chamada Nyohhira. Era uma cidade estranha, com fontes termais. Eu costumava ir banhar-me nelas."

Havia ainda fontes termais, no norte de Nyohhira, onde a realeza e nobreza visitavam muitas vezes.

Mas quantas pessoas nesta área sequer sabiam de sua existência?

Ignorando o devaneio confuso de Lawrence, Horo falou como se ela fosse relaxar em águas quentes e em seguida, de repente, ela espirrou.

"Mm. Eu não me importo em assumir a forma humana, mas é inevitavelmente fria. Não tem pelo suficiente", disse a Horo, rindo e escondendo-se novamente na pilha de peles de marta.

Lawrence não podia deixar de rir de sua aparência. Havia algo que ainda o preocupava, porém, ele falou com Horo enquanto ela se aconchegava na pilha de peles.

"Você disse algo sobre a mudança de formas mais cedo, o que era aquilo?"

Na sua pergunta, Horo colocou a cabeça para fora da pilha.

"Eu quis dizer exatamente o que eu disse. Eu não assumo a forma humana há algum tempo. Charmoso, não?" Ela disse com um sorriso. Lawrence não podia deixar de concordar, mas ele manteve uma cara séria quando ela respondeu. A menina poderia fazê-lo perder a compostura, isso era certo.

"Com exceção de alguns detalhes extras, você é um ser humano. Ou o que mais? Você é um cão que virou humano, como as histórias de cavalos virando humano?"

Horo levantou ligeiramente diante da provocação. Virando as costas para ele, ela olhou por cima do ombro e respondeu com firmeza.

"Pode-se dizer, sem dúvida, a partir de minhas orelhas e cauda que eu sou uma loba orgulhosa! Meus companheiros lobos, os animais da floresta, e as pessoas da aldeia todos me reverenciaram muitas vezes. É da ponta branca da minha cauda que eu me orgulho mais. Meus ouvidos podem antecipar cada infortúnio e ouvir cada mentira, eu já salvei muitos amigos de muitos perigos. Quando se fala da loba a sábia de Yoitsu, eles falam de ninguém menos do que eu!"

Horo falou orgulhosamente, mas logo se lembrou do frio do ambiente e mergulhou de volta sob as peles. A cauda, na base de suas costas estava realmente se movendo.

Não apenas orelhas, ela tinha uma cauda também.

Lawrence pensou em seu uivo. Era um verdadeiro uivo de lobo sem dúvida. Então essa era verdadeiramente Horo, a loba deusa da colheita?

"Não, não pode ser", Lawrence murmurou para si mesmo enquanto ele observava Horo. Ela parecia não se preocupar com ele enquanto estreitava seus olhos nas peles quentes. Visto assim, aquele ato, sem dúvida, lembrava o de um gato, apesar de que não era o assunto em questão. Horo era humana ou não? Essa era a pergunta.

As pessoas que eram possuídas por demônios não temiam a Igreja, por causa do seu aspecto diferente, em vez disso temiam porque o demônio dentro deles poderia causar alguma calamidade e a Igreja que os queimaria na fogueira.

Mas, e se Horo era um animal transformado como nos velhos contos, ela poderia trazer boa sorte ou milagres. De fato, se ela era Horo, a deusa da colheita, um comerciante de trigo não poderia pedir por melhor companhia.

Lawrence voltou sua atenção para Horo.

"Horo, né?"

"Sim?"

"Você disse que era uma loba."

"Eu disse."

"Mas tudo o que você tem são as orelhas e cauda de um lobo. Se você é verdadeiramente uma loba transformada, você deve ser capaz de assumir a forma de uma loba."

Horo olhava distraidamente por um tempo as palavras de Lawrence, seguido por uma expressão de compreensão.

"Oh, você está me dizendo para mostrar-lhe a minha forma de lobo."

Lawrence assentiu em resposta, mas estava de fato um pouco surpreso.

Ele esperava que ela ficasse perturbada ou mentisse.

Mas ela tinha feito nenhum dos dois, ao invés disso ela simplesmente parecia irritada.

Esta expressão de irritação foi muito mais convincente do que uma mentira convincente, era garantia de que ela poderia se transformar, o que ele esperava.

"Eu não quero", disse ela claramente.

"Por que não?"

"Sou eu que deviria perguntar isso. Por que você quer?" Ela replicou, fazendo beicinho.

Lawrence estremeceu com a resposta dela, mas a questão de saber se Horo era humana ou não era importante para ele. Recuperando-se de seu susto, Lawrence juntou toda confiança que ele conseguiu reunir em sua voz, tentando retomar a iniciativa da conversa.

"Se você for uma pessoa, eu pretendo te entregar para a Igreja. Demônios causam calamidades. Mas se você está realmente Horo, deusa da colheita, em forma humana, então eu possa reconsiderar".

As lendas diziam que a maioria das encarnações de animais traria boa sorte. Se a garota era mesmo a autêntica Horo, Lawrence não a entregaria para a igreja; ele até mesmo ofereceria trigo, pão e vinho para ela. Apesar disso, se a garota não fosse à reencarnação do animal, o tratamento seria diferente.

Enquanto Lawrence falava, Horo franziu o nariz, e sua expressão tornou-se mais e mais escura.

"De acordo com as histórias que ouvi, as encarnações de animais podem se transformar livremente, certo? Se você é mesmo a encarnação de um animal, deve ser capaz de retornar a sua forma original, correto?"

Horo ouviu tudo com a mesma expressão irritada. Por fim, ela suspirou baixinho e devagar se extraiu se da pilha de peles.

"Tenho sofrido muitas vezes na mão da Igreja. Eu não vou ser entregue a eles. Ainda..."

Ela suspirou novamente, acariciando sua cauda enquanto ela continuava. "Nenhum animal pode mudar a sua forma, sem uma compensação. Mesmo que você os seres humanos precisam fazer algo antes que possam mudar de aparência. Da mesma forma, eu preciso de comida."

"Que tipo de comida?"

"Só um pouco de trigo."

Isso parecia mais ou menos razoável para um deus da colheita, Lawrence teve que admitir, mas sua próxima declaração o assustou.

"Isso, ou sangue fresco."

"Sangue... fresco?"

"Só um pouquinho."

Seu tom casual fez Lawrence sentir que ela não poderia estar mentindo; Ele prendeu a respiração, e ele olhou para a boca dela. Só um momento atrás, ele tinha visto as presas por trás desses lábios morderem a carne que ele tinha deixado cair.

"O que foi? Você está com medo?", Disse o Horo ao ver Lawrence trepidar e ela sorriu com tristeza. Lawrence teria dito "Claro que não", mas Horo claramente antecipou sua reação.

Mas logo o sorriso desapareceu de seu rosto, e ela o encarou. "Depois de ver a sua reação, eu sinto ainda menos vontade de me transformar."

"Por quê?" Lawrence perguntou, colocando mais força em sua voz, sentindo que estava sendo zombado.

"Porque você certamente irá tremer de medo. Todos, sejam eles humanos ou animais, olham a minha forma com temor e fobias, e me tratam como especial. Estou cansada desse tratamento."

"Você está dizendo que eu teria medo de sua verdadeira forma?"

"Se você finge ser forte, primeiro, você deve ocultar suas mãos trêmulas!" Horo disse irritada.

Lawrence olhou para suas mãos, mas no momento em que ele percebeu seu erro já era tarde demais.

"Heh. Você é muito honesto", disse Horo divertindo-se, mas antes que Lawrence pudesse se desculpar, sua expressão escureceu de novo e ela continuou rápido como uma flecha. "No entanto, só porque você é honesto não significa que eu deveria mostrar-lhe a minha forma. O que você disse antes que a verdade?"

"Antes?"

"Que se eu sou for realmente uma loba, você não iria me entregar para a Igreja."

"Mm..."

Lawrence tinha ouvido dizer que havia alguns demônios capazes de fazer ilusões, por isso não foi uma decisão que ele poderia tomar facilmente. Horo parecia ter antecipar isso e voltou a falar.

"Bem, eu tenho bons olhos para homens e animais. Você é um homem que guarda a sua palavra, isso eu posso dizer com certeza."

Lawrence ainda não foi capaz de encontrar as palavras certas ao ouvir as perversas palavras de Horo. Ele certamente poderia voltar atrás em sua palavra. Ele compreendia cada vez mais que ela estava brincando com ele, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso.

"Eu vou mostrar-lhe um pouco. Uma transformação completa é difícil. Perdoe-me se eu só irei fazer o meu braço", disse o Horo, indo para o canto da carroça.

Por um momento, Lawrence pensou que era algum tipo de postura especial que ela tinha que assumir, mas ele logo percebeu o que estava fazendo. Ela foi pegar um grão de trigo do feixe no canto do vagão.

"O que você está fazendo com isso?", Perguntou Lawrence sem pensar.

Antes que ele pudesse terminar a pergunta, Horo colocou o grão de trigo em sua boca e, fechando os olhos, engoliu-o como se fosse uma pílula.

A casca do grão sem estar descascada não era comestível. Lawrence franziu a testa ao pensar o gosto amargo na boca, mas esse pensamento logo desapareceu ao ver que veio em seguida.

"Uh, uughh..." Horo gemeu, segurando seu braço esquerdo e caindo sobre a pilha de peles.

Lawrence estava prestes a dizer algo, isso poderia não vir ao caso, quando um som estranho chegou aos seus ouvidos.

Sh-sh-sh-sh. Parecia com o som de ratos correndo dentro da floresta. Ele continuou por alguns instantes, em seguida, terminou com um baque surdo, como algo pisando em terreno macio.

Lawrence ficou tão surpreso que não podia fazer nada.

No momento seguinte, anteriormente fino braço da Horo tinha transformado na pata dianteira de alguma besta enorme que era totalmente inadequado para o resto do seu corpo.

"Mm... Ufa. Isso não parece muito bom, realmente."

O membro parecia ser tão grande que ela tinha dificuldade em apoiá-lo. Ela descansou a perna gigante na pilha de peles e se mexeu para acomodá-la.

"Bem? Você acredita em mim agora?" Ela olhou para Lawrence.

"Uh... Er..." Lawrence não foi capaz de responder, esfregando os olhos e balançando a cabeça como ele olhou e olhou de novo para a visão diante dele.

A perna era magnífica e revestida numa pele castanha escura. Dado o tamanho da perna, o animal completo seria enorme, aproximadamente tão grande quanto um cavalo. A pata terminou em enormes garras semelhantes a foices.

E tudo o que cresceu de ombro fino da menina. Seria estranho pensar que não era uma ilusão.

Incapaz de acreditar, Lawrence finalmente pegou um cantil de água e encharcou seu rosto com ele.

"Você ainda dúvida? Se você ainda acha que é uma ilusão, vá em frente e toque-a", brincou Horo, sorrindo, enrolando a pata gigante.

Lawrence estava irritado, mas ainda hesitou. Além do tamanho do membro, ele também exalava uma espécie de aura que fazia com que as pessoas hesitassem se aproximar.

É a perna de um lobo. Eu já lidei com produtos chamados "Pernas de dragão", Lawrence disse a si mesmo, irritado com sua covardia. E pouco antes de sua mão pudesse tocá-lo...

"Oh..." Horo disse, parecendo se lembrar de algo. Lawrence parou sua mão.

"O... o que foi?"

"Mm, oh, nada. Não fique tão surpreso!", Disse o Horo, agora parecendo irritada. Adicionando constrangimento ao seu medo, Lawrence tornou-se mais e mais furioso em quanto ele sentia tinha fracassado como homem. Ao estender a mão mais uma vez...

"Então, o que aconteceu?"

"Mm", disse Horo humildemente, olhando para Lawrence. "Seja gentil, por favor?"

Lawrence não podia deixar de parar sua mão por causa da maneira repentina cativante dela.

Ele olhou para ela, e ela olhou para ele, sorrindo.

"Você é bastante charmoso, sabia?", ela disse.

Lawrence não disse nada quando ele teve certeza de que sua mão estava sentindo.

Ele estava irritado com a provocação dela, mas havia outra razão que ele não conseguiu responder.

Naturalmente, por isso do que ele há estava tocando.

A pata da frente no ombro de Horo possuía um osso tão pesado quanto uma grande árvore, e ao redor dele havia uma camada de carne; firme como o braço de um soldado.

Pelos alinhados, longos e muito belos cresciam da superfície da carne desde o ponto aonde o ombro se conectava com a pata até o tornozelo. Cada dedo na pata parecia como um grande pedaço de pão. Tocando mais abaixo dos dedos rosados, estavam garras, duras e semelhantes a foices.

Independente se era o toque da pata ou das garras, não parecia uma ilusão. As garras animais não eram frias nem tampouco quentes, o que deu uma sensação de que não devia tocá-las, o que desencadeou um frio na espinha de Lawrence.

Ele engoliu seco. "Você é realmente uma deusa...", ele murmurou.

"Eu não sou uma deusa. Como você pode dizer da minha pata, eu sou apenas maior do que os meus camaradas... Maior e mais espeta. Eu sou Horo, a loba sábia!"

A garota que confiantemente se chamava "sábia" olhou para Lawrence, orgulhosa.

Ela parecia uma jovem bem travessa, mas a aura que seu membro exalava não era algo que um mero animal poderia criar.

Ela dava às pessoas uma sensação de que definitivamente não era somente grande no tamanho do corpo.

"Então, o que você acha?"

Lawrence concordou vagamente para pergunta dela. "Mas... A verdadeira Horo deveria estar em Yarei agora. A loba reside em quem corta o último feixe do trigo, é o que dizem..."

"Heh-heh-heh. Eu sou Horo, a loba sábia! Eu conheço bem minhas próprias limitações. É verdade que eu vivo dentro do trigo. Sem ele, eu não posso viver. E também é verdade que durante esta safra eu estava dentro do último trigo a ser colhido, e, geralmente, eu não posso escapar. Não enquanto os humanos estejam vendo. No entanto, existe uma exceção."

Lawrence escutou sua explicação, impressionado com rápida passagem dela.

"Se houver por perto um feixe de trigo maior do que o último a ser colhido, posso me mover para aquele trigo. É por isso que os aldeões dizem que 'Se você cortar muito gananciosamente, você não vai pegar a deusa da colheita, e ela vai escapar'."

Lawrence olhou para sua carroça com uma súbita percepção.

Havia um feixe de trigo, o trigo que ele tinha recebido da aldeia da montanha.

"De forma simples, acho que eu poderia de te chamar de meu salvador. Se você não estivesse lá, eu nunca teria escapado."

Embora Lawrence não pudesse acreditar nessas palavras que ela dizia, enquanto Horo engoliu mais alguns grãos de trigo e voltou seu braço ao normal.

No entanto, Horo tinha dito "salvador" com certo desgosto, então Lawrence decidiu se vingar dela.

"Talvez eu devesse levar o trigo de volta para a aldeia, então. Eles vão enfrentar dificuldades, sem sua deusa da colheita. Estive com amigos em Yarei e outros em Pasloe por um longo tempo. Eu odiaria vê-los sofrer."

Ele inventou a desculpa no local, mas quanto mais pensava sobre isto, mais verdadeiro parecia. Se esta Horo era a verdadeira Horo, então a vila não começaria a sofrer más colheitas?

Depois de alguns momentos seus pensamentos pararam.

Horo estava olhando para ele como se fosse esquecida.

"Você... está brincando, com certeza", disse ela.

Sua repentina expressão frágil abalou o comerciante indefeso.

"É difícil dizer", disse Lawrence vagamente, tentando esconder o seu conflito interno e conseguir algum tempo.

Mesmo com a cabeça cheia de outras preocupações, seu coração ficava mais inquieto.

Lawrence hesitava. Se Horo era o que ela dizia ser, a deusa da colheita, a melhor solução seria levá-la de volta para a aldeia. Ele tinha colaborado há muito tempo com os Pasloe. Ele não lhes desejava mal.

No entanto, quando ele olhou para Horo, sua coragem anterior havia desaparecido por completo, agora ela olhou para baixo, apreensiva como qualquer princesa em um velho conto de fadas.

Lawrence fez uma careta e fez a pergunta a si mesmo: E se eu levar de volta esta menina para a aldeia, embora ela claramente não queira voltar?

E se ela é a verdadeira Horo?

Ele refletiu sobre o assunto em um suor frio, as duas questões lutavam em sua mente.

Então, ele se deu conta de alguém olhando para ele. Ele seguiu o olhar para a sua fonte e viu Horo olhando para ele suplicante.

"Por favor, você não vai... me ajudar?"

Incapaz de suportar a visão do Horo tão mansamente inclinando sua cabeça, Lawrence virou suas costas para ela. Tudo o que ele viu, dia após dia, foi à parte traseira de um cavalo. A vida o deixou completamente incapaz de resistir a uma garota como Horo olhar para ele com essa cara.

Dolorosamente, ele chegou a uma decisão.

Ele virou-se lentamente em direção a Horo e fez uma única pergunta.

"Eu tenho que te perguntar uma coisa."

"... Tudo bem."

"Se você deixar a aldeia, eles vão ainda ser capazes de cultivar trigo?"

Ele não esperava que Horo respondesse de uma forma que enfraqueceria sua própria posição, mas ele era um comerciante. Ele tinha lidado com vários negociadores desonestos em seu tempo. Ele tinha confiança que se Horo tentasse mentir, ele saberia.

Lawrence permaneceu atento, aguardando a resposta dela. Ainda assim, Horo levou algum tempo e não disse nada.

Quando ele olhou para ela, ela tinha uma expressão completamente diferente do que ele havia visto até agora, ela parecia brava e quase chorando quando ela olhou para o canto da carroça.

"O... Que há de errado?" Lawrence tinha que perguntar.

"As abundantes colheitas da aldeia vão continuar sem mim", ela cuspiu, sua voz demonstrava extrema indignação.

"É mesmo?", perguntou Lawrence, por mais que ele tivesse respondido daquela forma, ele submeteu-se ao medo causado pela fúria que estava no coração de Horo.

Ela assentiu com a cabeça, os ombros esbeltos tremendo pela raiva. Em uma inspeção mais atenta, viu que as mãos dela podiam ser vistas agarrando as peles com força, e como resultado, perdiam a cor, tornando-se de um branco pálido.

"Há muito tempo eu fiquei naquela aldeia; tantos anos quanto eu tenho cabelos na minha cauda. Eventualmente, eu queria ir embora, mas por causa do trigo da aldeia eu fiquei. Há muito tempo, eu fiz uma promessa com um jovem da aldeia, que iria garantir a colheita da aldeia. E assim eu mantive minha promessa."

Talvez porque ela não podia tolerar isso, ela não conseguia olhar para Lawrence enquanto falava.

Anteriormente o discurso era eloquente e natural, mas agora era hesitante, cheio de pausas.

"Eu... Eu sou a loba que vive no trigo. Meu conhecimento de trigo, de coisas que crescem do solo, é grandioso. É por isso que eu fiz campos da aldeia tão magníficos, como prometi. Mas, para isso, de vez em quando a colheita deve ser pobre. Forçar a terra para produzir exige compensação. Mas sempre que a safra era ruim, os moradores atribuíam isso como meus caprichos, e só tem piorado nos últimos anos. Eu tenho vontade de sair. Eu não aguento mais. Eu há muito tempo cumpri minha promessa."

Lawrence compreendeu a ira de Horo. Há alguns anos Pasloe estava sob os cuidados do conde Ehrendott, e desde então novas técnicas agrícolas tinham sido importados do sul, aumentando a produtividade.

Horo, assim, sentiu que sua presença não era mais necessária.

Na verdade, o boato foi proliferando que nem mesmo o deus da Igreja existia. Não era impossível que a deusa da colheita de um povoado rural tivesse se envolvido em tal conversa.

"As boas colheitas da vila vão continuar. Haverá um pobre a cada poucos anos, mas a culpa será deles mesmos. E eles vão superá-lo por conta própria. A terra não precisa de mim, e as pessoas certamente não precisam de mim também. "

Botando suas palavras para fora tudo em um só fôlego, Horo suspirou profundamente e caiu na pilha de peles mais uma vez. Ela enrolou-se, puxando as peles em torno dela e escondendo o rosto neles.

Ele não podia ver o rosto dela para ter certeza, mas não parecia impossível que ela estivesse chorando. Lawrence coçou a cabeça, sem saber o que dizer.

Ele olhou impotente para os ombros finos e orelhas lupinas de Horo, e não soube o que fazer.

Talvez essa era a forma como um verdadeiro deus agia: hora cheia de arrogância e empunhando uma inteligência afiada, hora mostrando um temperamento infantil.

Lawrence não conseguia pensar em uma forma de ajudar a menina agora. No entanto, ele não poderia muito bem ficar em silêncio, então ele tomou uma nova abordagem.

"Em todo o caso, deixando de lado a questão de isso ser ou não tudo verdade... "

"Você acha que estou mentindo?" Horo ergueu a cabeça para retrucar. Ele hesitou, mas Horo pareceu perceber que ela mesma estava sendo muito emocional. Ela parou, envergonhada, e murmurou um rápido "Desculpe", antes de enterrar a cabeça nas peles novamente.

"Eu entendo o seu ressentimento. Mas onde você pretende ir, depois de ter deixado a aldeia?"

Ela não respondeu imediatamente, mas Lawrence viu seus ouvidos mexerem a sua pergunta, então ele esperou pacientemente. Talvez fosse porque deixou escapar toda a fúria de uma só vez, que ela virou-se para ele, olhando quase submissa. Pensando dessa forma, ele sentiu que as ações dela eram bonitinhas.

Por fim, Horo culposamente olhou para o canto da carroça, confirmando as suspeitas de Lawrence.

"Eu gostaria de voltar ao norte", disse ela diretamente.

"Norte?"

Horo balançou a cabeça, voltando seu olhar para cima e para longe. Lawrence não teve que segui-lo para saber onde ela estava procurando: o verdadeiro norte.

"Minha terra natal. A floresta de Yoitsu. Muitos anos se passaram que já não posso contá-los... Eu gostaria de voltar para casa."

A palavra terra natal deixou Lawrence momentaneamente chocado, e ele olhou para o perfil de Horo. Ele próprio não tinha visitado sua cidade natal uma vez desde que embarcara na vida de um mercador viajante.

Era um lugar pobre e miserável que ele tinha algumas boas memórias, mas depois de longos dias no banco do condutor, às vezes a solidão o vencia e ele não poderia deixar de pensar com carinho do lugar.

Se Horo estava dizendo a verdade, não só ela tinha deixado sua casa centenas de anos atrás, mas ela tinha sofrido durante muito tempo o menosprezo das pessoas onde se estabeleceu...

Ele podia entender a sua solidão.

"Mas eu gostaria de viajar um pouco. Vim todo o caminho para este lugar distante. E certamente, muita coisa mudou ao longo dos meses e anos, por isso seria bom para ampliar minha perspectiva" disse Horo, olhando para Lawrence, seu rosto estava calmo. "Enquanto você não me levar de volta para Pasloe ou me entregar para a Igreja, eu gostaria de viajar com você. Você é um mercador viajante, não é?"

Ela olhou para Lawrence com um sorriso amigável que sugeria que ela tinha visto através dele e sabia que ele não iria traí-la. Ela soava como um velho amigo pedindo um favor simples.

Lawrence ainda tinha que determinar se ele acreditava ou não na história de Horo, mas, até o momento, ela não era uma má pessoa. E ele tinha começado a desfrutar a conversa com essa estranha garota.

Mas ele não estava sendo conquistado pelo seu charme a ponto de esquecer os instintos de um comerciante. Um bom comerciante tinha a audácia de enfrentar um deus e o cuidado de duvidar de qualquer um que tentasse se aproximar.

Lawrence pensou sobre isso, então falou em voz baixa.

"Eu não posso tomar essa decisão rapidamente."

Ele esperava reclamação, mas ele havia subestimado Horo. Ela balançou a cabeça em compreensão. "É bom ser cauteloso. Eu nunca interpretei mal uma pessoa. Eu não acredito que você é tão frio a ponto de ignorar alguém."

Horo falou com um sorriso travesso brincando em seus lábios.

Ela então se virou e pulou de volta para a pilha de peles, embora sem o mau humor que ela tinha mostrado antes. Parecia que ela estava dizendo: "Chega de conversa por hoje."

Como ela acabou com a conversa, mais uma vez, Lawrence podia apenas sorrir apesar de si mesmo, enquanto observava Horo.

Ele embora o pudesse ver seus ouvidos se movendo, em seguida, colocou a cabeça para fora e ela olhou para ele.

"Certamente você não vai me dizer que dormir do lado de fora", disse ela, obviamente, consciente de que ele não poderia fazer tal coisa. Lawrence ficou calado; Horo riu e voltou para a pilha de peles.

Vê-la assim, Lawrence perguntou se suas ações anteriores foram algum tipo de gesto, como se ela estivesse tentando desempenhar o papel da princesa aprisionada.

No entanto, ele duvidava que sua insatisfação com a aldeia ou o seu desejo de voltar para casa eram mentiras.

E, se aqueles não eram mentiras, então ele deve acreditar que ela era a verdadeira Horo, porque uma simples garota possuída pelo demônio não seria capaz de fazer tudo isso. Lawrence suspirou quando ele percebeu que mais pensamento não iriam lhe levar a lugar nenhum, ele decidiu ir dormir e deixar novas reflexões para o dia seguinte.

As peles que Horo dormiam pertenciam a Lawrence. Era ridículo pensar que o seu proprietário poderia abrir mão de seu conforto e dormir no banco de condução da carroça. Dizendo-lhe para ir para um lado, ele também se aconchegou na pilha de peles.

Atrás dele, ele ouviu os sons tranquilos da respiração de Horo. Embora ele dissesse a ela que não podia tomar uma decisão rápida, Lawrence já havia decidido que, enquanto Horo não fugisse com seus bens na manhã seguinte, ele iria viajar com ela.

Ele duvidou que ela fosse esse tipo de encrenqueira, mas se ela fosse, pensou, ela, certamente fugiria com toda a sua carga.

Ele esperou o dia seguinte.

Afinal, já fazia longo tempo desde que ele tinha dormido ao lado com outro alguém. Era impossível não ficar feliz com o doce aroma dela penetrando nas peles.

O cavalo deu um suspiro, como se estivesse lendo o simples pensamento de Lawrence.

Talvez cavalos realmente conseguissem entender o ser humano e simplesmente preferiam não falar.

Lawrence sorriu tristemente e fechou os olhos.

Ele levantou cedo na manhã seguinte. Ele era como a maioria dos comerciantes que acordou cedo, a fim de extrair o máximo de lucro a partir do dia. No entanto, quando ele abriu os olhos durante a névoa da manhã, Horo já estava de pé, sentada ao lado dele, e vasculhando alguma coisa. Por um instante, Lawrence perguntou se sua estimativa sobre ela estava errado, caso estivesse, ela estava realmente audaciosa. Ele levantou a cabeça e olhou por cima do ombro, parecia que ela tinha ido à procura de roupas entre suas coisas e foi e estava agora amarrando seus sapatos.

"Ei! Isso é meu!"

Mesmo se não fosse roubo real, mesmo um deus não deve ficar remexendo nas coisas de outras pessoas.

Horo virou ao ouvira a repreensão de Lawrence, mas não havia sequer um traço de culpa no rosto. "Hum? Oh, você está acordado. O que você acha disso? Será que ficou bom?" Horo não se importou nem um pouco com o que Lawrence disse. Abrindo os braços e perguntando aquilo. Não só ela não sentia que tivesse feito algo errado, mas ela parecia orgulhosa de si. Olhando para a atual Horo, ele somente pode sentir que o jeito agitado dela, da noite passada, era somente um sonho. Talvez essa tirania desenfreada fosse à personalidade natural de Horo.

Aliás, as roupas que ela usava eram as melhores roupas de Lawrence, um equipamento que ele usava como reservava para as negociações com os comerciantes ricos e similares. O top era uma camisa azul índigo por baixo de um colete de três quartos de comprimento. As calças eram uma rara combinação de linho e couro, com uma saia que envolvia totalmente em torno de sua parte inferior do corpo, amarrado por um cinto de pele de carneiro. As botas eram um prêmio raro, feito de três camadas de couro cru, bom contra a neve das montanhas. Acima de tudo isso, ela usava um casaco de pele de urso selvagem de excelente qualidade.

Para um mercador, possuir um conjunto de roupas práticas, reais e nobres era algo que valia a pena orgulhar-se. Lawrence começou a economizar desde que era um aprendiz, e somente após dez anos inteiros ele conseguiu comprar aquele conjunto de roupas. Quando em uma negociação, tudo que ele tinha de fazer era vestir aquelas roupas, cuidar um pouco da barba, e a maioria dos comerciantes o olhariam com respeito.

E agora, as roupas com profundo significado estavam no corpo de Horo.

Ainda assim, Lawrence não ficou irritado.

Era, obviamente, porque o tamanho das roupas, muito maiores que o corpo de Horo, fazia-lhe parecer ainda mais bonitinha.

"O grande casaco é preto... combina com meu cabelo castanho, mas essas calças ficam no caminho da minha cauda. Posso colocar um buraco nelas?"

As calças que ela falou de forma tão leve tinham sido feitas por um mestre artesão somente após um esforço significativo por parte de Lawrence. Um buraco provavelmente ser impossível de reparar. Ele balançou a cabeça com firmeza.

"Hum. Bem, felizmente, eles ainda são grandes. Vou encontrar uma maneira de fazê-las caber."

Lawrence levantou-se enquanto fitava Horo, pensando que se Horo agia como se fosse completamente impossível que Lawrence a mandasse tirar tudo, ela provavelmente não correria depois de colocar as roupas. Se todo o conjunto fosse levado à cidade e vendido, provavelmente traria grande quantia de moedas de ouro.

"Você é um comerciante até a alma, isso é certo. Eu sei exatamente o que você pensava com aquela expressão no seu rosto", disse o Horo, sorrindo. Ela saltou levemente para fora da carroça.

Seu movimento foi tão despretensioso e natural que ele não teve nenhuma reação. Se ela tivesse fugido, ele teria sido incapaz de persegui-la.

Ou talvez ele não reagiu, porque ele não acreditava que ela iria correr.

"Eu não vou correr. Se isso tivesse sido o meu objetivo, eu teria ido há muito tempo."

Primeiro Lawrence olhou para o trigo no topo do compartimento de carga, e então olhou mais uma vez para Horo, que ria enquanto falava. Ele viu que ela estava tirando o casaco de couro de urso e jogando-o na direção da carroça. Aparentemente, para ela, o casaco de couro, que supostamente era para alguém do tamanho de Lawrence vestir,



era grande demais. Na noite passada ele foi incapaz de ver com clareza sob a luz da lua, mas agora Lawrence viu que o corpo de Horo era ainda mais delicado do que ele imaginara. Lawrence era considerado alto, e era mais alto que Horo por aproximadamente duas cabeças.

Então, enquanto ela olhou para o resto das roupas, ela falou sem constrangimento: "Então, eu gostaria de viajar com você. Posso?"

Ela sorriu, mas não parecia lisonjear. Se ela tentou agradá-lo, Lawrence sentiu que poderia ter essa razão para recusar, mas ela simplesmente sorriu feliz.

Lawrence suspirou.

Ela não parecia ser um ladrão, pelo menos. Ele não podia deixar a sua guarda baixa, mas não faria mal deixá-la ir junto. E mandá-la embora só faria a solidão constante mais difícil de suportar.

"Isso deve ser algum tipo de destino. Muito bem", disse Lawrence.

Horo não parecia especialmente muito feliz, ela apenas sorriu.

"No entanto você vai ter que ganhar seu sustento. A vida de um comerciante não é fácil. Eu não espero que a deusa das colheitas abundantes possa trazer uma colheita abundante para a minha bolsa de moedas."

"Eu não sou tão sem vergonha a ponto de abusar da boa vontade dos outros. Eu sou Horo a loba sabia, e eu tenho o meu orgulho", disse Horo mal-humorada. Lawrence não era tão cego a ponto de pensar que ela não estava fazendo uma demonstração de indignação infantil, pensou.

Pouco tempo depois, como esperado, Horo riu. "Apesar de que esta loba orgulhosa fez um espetáculo de si mesma ontem", disse ela em um tom de autodesprezo, como se seu comportamento perturbado refletisse seus verdadeiros sentimentos. "Em qualquer caso, é bom conhecer você... er..."

"Lawrence. Kraft Lawrence. Quando eu estou trabalhando pode me chamar de Lawrence."

"Mm. Lawrence. Eu sempre irei contar a sua história, e deixarei que seu nome seja conhecido com elogios por toda eternidade", disse o Horo com peito impulsivo para frente, as orelhas de lobo erguendo-se com orgulho.

Ela parecia estranhamente séria. Era difícil dizer se ela estava sendo infantil ou esperta. Os sentimentos dela eram como as nuvens no céu, sempre mudando e variando.

Aparentemente, esse estado de espírito em constante mudança fazia parte de sua astúcia.

Lawrence rapidamente revisou sua opinião e ofereceu a mão da cama carroça. Era a prova de que ele realmente reconheceu a sua presença como uma companheira.

Horo sorriu e pegou sua mão, mesmo que a mão dela fosse pequena, ainda era muito quente.

"De qualquer forma, logo vai chover. Devemos nos apressar."

"O quê? Por que não me disse antes?!" Lawrence gritou, fazendo o cavalo relinchar, assustado. Lawrence lembrou que não havia um sinal sequer de que choveria na noite anterior, mas quando ergueu a cabeça para olhar, de fato, nuvens finas cobriam o céu. Horo, do lado, olhou para as preparações agitadas de Lawrence para que saíssem e gargalhou. Ela ainda ria enquanto pulava habilmente no compartimento de carga da carroça, e rapidamente organizou a bagunçada pilha de peles, e as cobriu com o tecido. Estava claro que ela era muito mais capaz que um aprendiz de primeira viagem.

"O rio não está de bom humor, será mais apropriado se formos um pouco para longe."

Lawrence acordou o cavalo, pegou o balde de água, e depois de sentar no assento do guia e tomar as rédeas, Horo se juntou a ele.

Originalmente, o aparentemente espaçoso assento do guia era de uma só pessoa, agora com duas pessoas em si, pareceu bastante apertado. Por outro lado, desse jeito eles podiam aquecer um ao outro e evitar o frio...

Com o relinchar de um cavalo, as viagens dessa estranha dupla começou.